

# ENVELHECER

**(Crônica dedicada ao dr. Antônio Carlos de Castro Machado, “in memoriam”)**

Envelhecer, é uma bênção ou um estigma? Uma dádiva divina ou uma provação? Oportunidade para recordar o passado ou esquecê-lo? Sonhar ainda ou temer a morte? Quando se envelhece? Como envelhecer com dignidade? A vida, enfim, sempre vale a pena?

Hoje cedo, ao levantar-me, senti-me conscientemente um velho, embora talvez já o fosse, há mais de dez anos. Saudei essa consciência com um sorriso interior, porque agora tenho um papel definido a representar, um estilo de vida a cumprir, limites a respeitar, mais oportunidades para ceder e doar-me, ter conversas mais íntimas com Deus.

Por que, só hoje cedo, senti-me velho? Por mera banalidade: “perdi a hora”, constatei. Tive dificuldade para sentar-me na cama, para encontrar os chinelos e mais ainda para levantar-me. Mas a certeza veio mesmo quando, negligenciando-o pela vez primeira, disse para o Zorro, que teimava em arranhar a cama, indócil para o passeio matinal: “dá um tempo Zozô, tô com sono”. Ele ergueu as orelhas, encarou-me e ao som do grunhido nº 4, desafiou: “Tá velho, tá ?; é hora do xixi”! Por levantar-me rápido demais, ziguezagueei até a porta do banheiro, aviei-me, paramentei o malandro e saímos. O café da manhã ficou para depois.

Passeando com meu pet (talvez seja sobre ele a próxima crônica), comecei a refletir sobre o fato de, enfim, reconhecer-me um velho, enquanto agudos sinais de velhice faziam coro com essa constatação: passos mais curtos, alguns tropeços, dificuldade em manter a marcha em linha reta e cansaço antes mesmo da primeira volta na pracinha.

Bênção ou um estigma?

Sentei-me num dos afastados bancos da praça, enquanto o Zorro cheirava as moitas ao redor, trazendo à mente a questão do envelhecer ser uma bênção ou um estigma. No meu caso, que perdi meu pai quando completou 63 anos, essa idade, para mim, que tinha então apenas 18, passou, no subconsciente, a representar meu limite de vida e foi traumático completar esse termo e conseguir ultrapassá-lo. Assim, enquanto “intenção de benignidade”, meu envelhecer foi realmente uma bênção, pois nesses 21 anos que sobejam e já aposentado, com mais tempo disponível, pude crescer espiritual, intelectual e financeiramente. Convivi mais de perto com minha mulher, minha filha, meus netos e minha irmã. Advoguei bastante. Tornei-me um jurista? Escrevi muito e li mais ainda, crônicas e poemas. Passei a frequentar a Igreja de São Dimas aos domingos e até ajudei na celebração das missas. Percebi que o Livro dos Salmos foi reescrito por algum poeta parnasiano, tais os versos camonianos que

cadenciam muitos de seus refrãos. “Eduquei” meu ouvido para detectar metáforas plagiadas em textos suspeitos. Abomino plagiadores. Integro e curto o grupo “guerreiro” de delegados aposentados, que defende bravamente as prerrogativas funcionais da classe. Permitti-me trajes informais, sapatênis e boné, dando adeus aos ternos, às gravatas e aos sapatos engraxados. Deixei de fazer a barba todas as manhãs. Degustei vinhos soberbos, “garimpados” prazerosamente nas prateleiras dos mercados. Não uso mais carros grandes. Ainda jogo poker no computador e bocha no Guarujá. Podia ter viajado mais. Esses anos todos, enfim, serviram para compreender que a amplitude da bênção, livrou-me de qualquer labéu que, à guisa de estigma, viesse a infamar-me.

Dádiva divina ou provação?

A vida não se resume a um fenômeno biológico, resultante da fecundação de um óvulo. Há um dedo de Deus, fundamental nesse processo, daí a partícula do “eu-divino” que impregna a alma de cada ser humano, desde a concepção e que se completa quando, batizado, recebe seu anjo da guarda. Essa é minha crença, católico por convicção. Mas a vida é, também, uma provação, no curso da qual somos submetidos a maiores ou menores injunções, dores, perdas e sacrifícios, normalmente incompreendidos e a custo suportados. Nesse passo, difícil querer sondar os desígnios de Deus para tentar entender a “sobrecarga” de dor e sofrimento que afeta mais uns que outros...

Relembrar ou esquecer o passado?

Já disse e repeti no discurso que recentemente fiz em homenagem a um querido amigo, por ocasião de seus vitoriosos 100 anos de idade, que o tempo é uma quimera, um devaneio. Futuro, presente e passado, na realidade, fundem-se num só conceito. Não é “tempo” aquilo que se espera como futuro, nem quando se fez presente, porque, como tal, esvai-se num átimo de segundo, tal um piscar de olhos, para logo adelgaçar-se, virar passado e extinguir-se. O tempo, na minha concepção, não é o que passou, mas aquilo que fica e para sempre ficará, até “o final dos tempos” (se é que depois do Apocalipse nenhum “tempo” vá substituí-lo). Tempo é aquilo que se eterniza no registro formal e histórico dos fatos, que fica indelevelmente escrito na pedra do sempre, que fica impregnado na nossa memória atávica, de modo a nos prevenir, inspirar, desafiar, orientar, estimular e especialmente ensinar. Daí porque mister se faz lembrar o passado, enquanto aquilo que ficou, seja para reverenciar os bons momentos, seja para aprendermos com os insucessos.

Sonhar ainda, ou temer a morte?

Nesses últimos vinte anos, vi morrerem tantos parentes e amigos queridos, muitos mais novos que eu, com os quais partilhei longos e bons momentos, que a morte deixou de ser um fenômeno assustador. Que não seja um doloroso fim, mas um até breve. Que não traumatize quem fica, mas seja uma suave despedida e, com o

passar do tempo, uma doce lembrança. Mesmo antes desse período, já adquirira um jazigo no Cemitério Gethsêmani, localizado na Rua Damasco, detalhe que ensejou uma brincadeira macabra em família, pois, como moro na rua Jerusalém, minha “última viagem” cumprirá um itinerário ... bíblico. Nos últimos velórios em que estive presente, até colhi e deixei anotados, dados referentes a duas empresas funerárias que me pareceram “eficientes” e discretas. Se é assim - e assim será - por que esperar passivamente esse desfecho? Sonhemos, sim! De preferência, sonhos ousados e impossíveis, dando asas à imaginação. Voltemos no tempo, revivamos emoções, aceitemos desafios, conquistemos amores impossíveis, ousemos aquele beijo não ousado. É livre sonhar e realizar. “Vai Curíntia!”

Quando se envelhece?

Não é o correr dos anos que nos faz velhos. Conheço moços que precocemente envelheceram e idosos que, mesmo encanecidos, esplendem juventude. É óbvio que tudo é relativo, mas é verdade também que o fator maior dessa medida, desse timing, desse jeito de ser, que preserva e potencializa a vida, independe da engenharia genética, pois está impregnado no espírito da pessoa, na vocação para ser feliz, na coragem de ousar, na confiança em seu eu-divino, na força de sua potencialidade, na crença em sua predestinação, no seu poder de resiliência diante da perda ou da dor, na percepção das flores, no encanto da poesia, na sedução da música, no embalo da dança, no amor sensual, na espontaneidade no ato de dar, no ombro amigo disponível e na fé em um Poder Maior. Enfim, viver a vida plenamente!

Como envelhecer com dignidade?

Da abrangência da própria expressão, extraem-se as formas ideais de procedimento quando se atinge a maturidade dos anos: ética, honra, nobreza, modéstia e bom senso. Embora tais atributos já devessem pautar os anos então vividos, mas concedendo-se que a juventude, por imatura, comporta e até justifica determinados erros e desvios, estes se fazem incompatíveis com o chegar dos cabelos brancos. Do conjunto dos dons destacados, emana a ideia de respeito aos valores básicos da sociedade, da prática de gestos virtuosos, de deixar fluir a generosidade da alma, de cultivar a paciência e a tolerância, de não julgar, de divergir só para conciliar, de não adotar ares “professorais”, de não se comportar, enfim, como se em tudo você fosse a personagem principal. Méritos, quando verdadeiros, despontam por si próprios; não precisam e nem devem ser cobrados.

A vida, enfim, sempre vale a pena?

Já afirmou Fernando Pessoa, para a eternidade: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”. Dádiva maior que Deus nos deu, impregnada de Sua Luz, a vida merece, sim, ser vivida em sua plenitude, seja pelos bons ou até pelos maus momentos, sorvendo o encanto de cada conquista, suportando suas dores, louvando cada degrau galgado na Escada de Jacó, erguendo-se a cada tropeço, amando sem

limites, resignando-se ante alguma desilusão, semeando boas sementes, corrigindo cada erro, prover e honrar a família, exorcizar o desânimo. E no suspiro derradeiro, elevar uma prece ao Criador e agradecer a bênção de ter sido uma criatura d'Ele.

Envelhecer, afinal de contas, é não ter pressa. “Deixa a vida me levar...”.

Abrahão José Kfourri Filho,

Cadeira nº 4.

Julho de 2024.